

**Dirceneia do Carmo Ribeiro Souza; Dircen a das Graças de Paiva Fraga;
Elisa de Andrade Abreu; Maria da Penha Soares; Miriam Cássia Rodrigues**

Guia teórico do alfabetizador ¹

Dirceneia do Carmo Ribeiro Souza – UNIPAC

Fone: (32)8868-8657

Dircen a das Graças de Paiva Fraga – UNIPAC

Fone: (32)3373-5145

E-mail: dircenea@yahoo.com.br

Elisa de Andrade Abreu– UNIPAC

Fone: (32)3371-5833; 8427-7840

E-mail: abreu.elisa@yahoo.com.br

Maria da Penha Soares– UNIPAC

Fone: (32)3371-9564; 9108-8331

Miriam Cássia Rodrigues– UNIPAC

Fone: (32)33730230

Data de recep o: 05/05/2008

Data de aprova o: 28/08/2008

Resenha: LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*.
São Paulo:  tica, 1988

¹Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo – UFSJ

A autora escreve este livro de forma interessante e didática, propondo tratar alguns conhecimentos básicos sobre a língua, essenciais para o trabalho de alfabetização. Segundo Miriam Lemle, o professor das classes de alfabetização é, de todos, o que enfrenta os maiores problemas linguísticos, sendo o momento da alfabetização crucial de toda a sequência da vida escolar.

No capítulo 2, “As capacidades necessárias para a alfabetização”, entende-se que o alfabetizando precisa “atingir” alguns saberes ou capacidades para aprender a ler e a escrever. A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala (para isso é necessário, antes, que o alfabetizando entenda a arbitrariedade entre o símbolo e a coisa que ele simboliza). A segunda capacidade é a de enxergar as distinções entre as letras, a fim de que deixem de ser meros “risquinhos” pretos na página branca. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua.

Segundo Lemle, a escrita contém ainda outras ideias relevantes, como a ligação entre a corrente de sons que emitimos ao falar e o sentido dessa corrente em acordo com um conteúdo mental. Isso se pode perceber no exemplo citado pela autora:

/pE'/ - sequência de sons que representa a unidade de sentido “extremidade dos membros inferiores do corpo humano”.

Além dos já citados, encontramos, ainda, um quarto problema para o alfabetizando: captar o conceito de palavra (que seria o casamento de sons e sentidos que

utilizamos como tijolos na expressão de nossos pensamentos).

Assim, há na prática escolar da alfabetização dois níveis de representação simbólica: representação de conceitos através de sons e a representação de sons através de letras (e palavras).

O último problema enfrentado pelo alfabetizando seria o reconhecer sentenças. Contudo, de acordo com a autora, essa necessidade não precisa ser colocada logo no início, pois o aprendiz toma consciência do “funcionamento” das sentenças no decorrer de suas leituras.

Dessa forma, é necessária, também, a compreensão da organização espacial da página em nosso sistema de escrita: a ideia de que a ordem significativa das letras é da esquerda para a direita, e as linhas de cima para baixo da página.

Um fato interessante observado nesse livro foi o de a autora apresentar sugestões (práticas) de trabalho a fim de se dissolverem os problemas apresentados aos símbolos. A autora sugere que se trabalhem na escola alguns exemplos de símbolos (ex.: bandeira de países). Quanto ao problema da discriminação das formas das letras, a proposta é fazer exercícios de desenho de pequenas formas (ex: círculos, traços etc.). Sobre a discriminação dos sons da fala, Lemle propõe a criação de palavras que começam com o mesmo som, de rimas, canções com repetições de sílabas etc.

Tratando-se do problema consciência da unidade palavra, seria interessante dizer o nome de objetos que estão à vista, trabalhar com palavras novas etc.

Enfim, uma possível solução para a questão da organização da página escrita seria “brincar de ler”, trabalhando-se pequenos textos, memorizando-os, recitando-os e apontando para as palavras correspondentes à medida que a recitação vai prosseguindo .

Depois dessas “preliminares”, Miriam Lemle nos convida a, então, trabalhar a alfabetização.

No capítulo 3, “A alfabetização”, fala-se sobre o que nos parece ser um estado na cabeça do alfabetizando: a captação da ideia de que cada letra é símbolo de um som e cada som é simbolizado por uma letra. A partir daí, o problema reduz-se a lembrar que figura de letra corresponde a que tipo de som da fala.

Entretanto, sabe-se bem que a alfabetização não é tão simples, havendo um casamento um pouco defeituoso entre os sons e as letras.

Nesse sentido, a autora nos apresenta a relação biunívoca entre sons e fala e letras do alfabeto, em que um elemento de um conjunto corresponde a apenas um elemento de outro conjunto. Para ilustrar, colocamos aqui o exemplo da letra (p) correspondente ao fonema /p/..

O segundo tipo de relação existente entre os sons da fala e as letras do alfabeto seria a “poligamia” ou “poliandria”, em que há vários sons para uma mesma letra e vice-versa.

Citamos o exemplo da vogal [i] que pode ser encontrada com som de /i/ nas palavras “saci”, “vida” e “rio”.

Contudo, em palavras com [e], como em “vale”, ‘corre”, “morte”, encontra-se, também, a pronúncia do som /i/.

Dessa forma, existem vários outros casos de poligamia e poliandria entre os sons e as letras, sendo que essas situações costumam trazer problemas de escrita para os alfabetizandos, que tendem a escrever como se fala.

É importante, então, que o alfabetizador tenha em mente essas particularidades nas variedades de correspondências entre sons e letras, porque quando o alfabetizando questionar sobre essas ocorrências, o professor tem que estar apto a explicar que a posição das letras nas palavras precisa ser levada em conta.

O alfabetizador não deve nunca responder dizendo que as pessoas falam errado, pois isso seria um equívoco linguístico, um desrespeito humano e um erro político. Citando o linguista Marcos Bagno, seria um Preconceito linguístico.

É importante observar, ainda, a questão das variações linguísticas ocorridas em todo o país. Em cada comunidade linguística o professor deve registrar dados quando a distribuição de sons ocorre conforme se dá no dialeto falado pela sua “clientela” e por ele mesmo.

Há, também, a relação de concorrência, em que duas letras estão aptas a representar o mesmo som, no mesmo lugar. É o caso, por exemplo, da letra [s] e da letra [z], que são usadas, certas horas, para representar o mesmo som de [z] entre duas vogais, como podemos notar nas palavras “mesa” e “reza”.

Nesses casos, a única maneira de descobrir a letra que representa dado som numa palavra é recorrer ao dicionário.

Partindo das relações citadas, Miriam Lemle nos apresenta quatro etapas da alfabetização, que são as seguintes:

1º etapa: A teoria do casamento monogâmico entre sons e letras

Considerando que o primeiro passo do alfabetizando em sua compreensão do sistema da escrita é o entendimento de que cada letra tem seu som e vice-versa, a autora sugere que deixemos essa hipótese por um curto espaço de tempo. Para tal, é importante o fornecimento de material de exercitação que não entre em contradição com essa hipótese. Trabalhar-se-ia, assim, com as consoantes [p], [b],[t], [d], [f], [v] e a vogal [a], que representam sempre a mesma unidade fonêmica. Com essas letras seriam formadas as primeiras palavras e frases dos exercícios.

Se as outras letras começarem a surgir através dos próprios alfabetizandos, o ideal é que se explique que essas letras podem, às vezes, ter outros sons, quando colocadas em outras posições.

2º etapa: A teoria da poligamia com restrições de posição

Essa etapa consta na rejeição da hipótese da monogamia. O alfabetizador deve ajudar o aprendiz a perceber que em certas palavras, dependendo da posição da letra, o som não é fiel à mesma, como ocorre, por exemplo, com a letra [l]

que em “lua” tem um som lateral, mas em sol apresenta o som de /u/. Dessa maneira, o aprendiz vai perceber que a hipótese da monogamia   inviável, sendo essa nova etapa denominada pela autora “ hipótese da poligamia condicionada pela posi o”. Um dos erros de leituras frequentes característicos do alfabetizando que enalhou na idéia da monogamia entre sons e letras   a pronúncia artificial das palavras, com a escansão da letra. Como exemplo, temos a palavra [gato], pronunciada por alguns como /gato/ em vez do natural /gatu/.

Segundo Lemle, acontece de os professores incentivarem essas pronúncias artificiais, considerando serem a forma certa da língua. Assim, corre-se o risco de se criar um novo dialeto na sala de aula, um universo linguístico foneticamente distinto do mundo lá fora.

Sendo assim,   de suma importância que o professor ajude o alfabetizando a se desvincular da teoria da monogamia entre os sons e as letras.

3  etapa : As partes arbitrárias do sistema

Essa   a etapa que, segundo a autora, dura toda a vida, sendo que todos nós, até hoje, ainda temos momento de insegurança sobre a ortografia.

A questão aqui   que, quando mais de uma letra pode, na mesma posi o, representar o mesmo som, a op o pela letra correta em uma palavra  , em termos fonológicos, inteiramente arbitrária.

  o que acontece, por exemplo, com as letras [s], [z] e

[x], que em certas palavras podem ter o mesmo som: “mesa”, “certeza”, exemplo – [z].

Nesses casos, o alfabetizando deverá memorizar a escolha certa da letra para cada palavra.

Assim, a autora denomina essa etapa de “teoria da poligamia com restrição de posição e casos de concorrência” ou teoria de correspondência entre sons e letras.

A fim de ajudar o aprendiz, o professor pode, primeiramente, explicar essa “concorrência” com a história da língua, tendo vindo do latim e sofrido mudanças ao longo do tempo. O alfabetizador pode, também, conduzir o alfabetizando a saber quais são os contextos em que duas ou mais letras concorrem na representação do mesmo som.

Mais uma vez, Lemle sugere um trabalho de pesquisa com os alunos, fazendo recortes de materiais impressos e dividindo as palavras de acordo com os sons.

É necessário que o professor não dê muita importância a erros de escrita dessa espécie, a fim de não inibir a expressão escrita da criança.

Quanto ao dialeto, o que a autora nos propõe é que cada professor esteja preparado para trabalhar com as variações da fala e a maneira de trabalhá-las na escrita, de maneira consciente e não preconceituosa.

4º etapa: Um pouco de morfologia

Nessa etapa, o que Lemle sugere é de se fazer o alfabetizando lidar com as regularidades ligadas à morfologia das palavras, no caso, os afixos.

A autora nos dá uma série de exemplos de como um substantivo é formado através do acréscimo de um sufixo ou prefixo no adjetivo. Citemos como exemplo o sufixo *eza*, que forma o substantivo “beleza” que, por sua vez, deriva do adjetivo “belo”. Nesse sentido, o alfabetizando vai observar uma série de substantivos derivados de adjetivos com esse sufixo: “riqueza”, “pobreza”, “grandeza”. A partir daí, é necessário fazê-lo atentar para o fato de que todos os substantivos terminados em *eza* são escritos com [z] e não com [s] (como o som permitiria).

Nesse mesmo contexto, encontramos palavras como sufixo *agem* (de bobagem), *ês* (de “português” - adjetivo derivado de nome de país), *ez* (“maciez”), *ice* (“maluquice”) etc.

Há que se trabalhar, também, os prefixos que ajudam a fixar a grafia correta das palavras, como *des* (de desfazer), *dis* (de distorcer), *ex* (de expulsar) e *extra* (de extraordinário).

Como esses, a autora nos apresenta mais uma série de afixos a serem estudados com os alunos.

É muito importante que o professor tenha alguma informação sistemática sobre a estrutura morfológica das palavras em português e também um mínimo de conhecimento sobre história da língua.

Em um próximo item, “A avaliação das falhas na escrita”, é-nos apresentado um percurso que o aprendiz deve fazer até se assenhoriar do sistema. Assim, existe um critério prático para avaliar os erros de escrita e diagnosticar em qual

etapa do processo de aquisição o aluno se encontra:

1) Falhas de 1ª ordem – o aprendiz está na fase de dominar as capacidades prévias da alfabetização. As falhas são leitura lenta, com soletração de cada sílaba e escritas com falhas na correspondência linear entre as sequências dos sons e as sequências das letras;

2) Falhas de 2ª ordem – o aluno ainda está na etapa monogâmica de correspondência entre sons e letras. Assim, ele ignora as particularidades na distribuição das mesmas. Na leitura, pronuncia cada letra, escandindo-a no seu valor central e, na escrita, faz como que uma transcrição fonética da fala (escreve da maneira que ouve, ex.: “matu”, em vez de “mato”).

3) Falha de 3ª ordem – o aprendiz já escalou o terceiro patamar do saber ortográfico e incorporou a versão da teoria da correspondência entre sons e letras. Assim, suas falhas se limitarão às trocas entre as letras concorrentes. Na leitura, o aprendiz já será capaz de pronunciar as palavras de maneira natural.

De acordo com Miriam Lemle, o aprendiz que ainda comete falhas de 2ª ordem não completou sua alfabetização. Assim, só será considerado alfabetizado aquele em cuja escrita só restarem falhas de 3ª ordem, que serão superadas gradativamente.

Em “A metodologia – considerações críticas”, são-nos apresentados dois métodos possíveis oficialmente reconhecidos no trabalho de alfabetização:

a) método sintético – consiste em mostrar primeiro as letras e ensinar suas correspondências com sons e depois ensinar a compor com elas sílabas e palavras; b) método analítico – consiste em mostrar primeiro as palavras (ou frases) e ensinar a identificar nelas as unidades correspondentes – as letras – e os sons que lhes correspondem.

De acordo com a autora, há observações que favorecem a hipótese de que a aprendizagem da leitura se dá pela captação de um bloco não direcional e indiviso de relação entre letras, sons e sentidos, já que as crianças se mostram capazes de adivinhações, baseadas em inferências semânticas, pedaços de palavras e de frases que ainda não são capazes de decodificar. Segundo, porque os adultos leem por saltos, captando a informação em blocos, inferindo muito e soletrando pouco.

Contudo, Lemle nos exorta que o fator de haver a leitura-por-adivinhação não nos dispensa de ajudar o alfabetizando a ser racionalmente bem sucedido na leitura-por-decodificação.

No capítulo 4, vemos a questão das mudanças que ocorrem nas línguas ao longo dos tempos. Sabemos que a língua portuguesa é viva, falada por muitos milhões de pessoas. Sendo assim, é natural que a língua vá mudando e “se renovando” com o passar dos tempos. Para exemplificar essas mudanças ocorridas nas línguas, a autora fala sobre o latim e as mudanças ocorridas nele, sendo que era dividido em latim clássico e latim vulgar (é interessante observar que o português

falado por nós vem desse latim vulgar).

Acontece que muitas pessoas julgam que as variações diminuem o valor da língua e menosprezam os grupos de falantes que usam tais variações.

A fim de refletir sobre essas mudanças ocorridas na língua, Lemle cita e explica várias mudanças ocorridas no latim, o que nos faz perceber que essas variações ocorrem na língua falada de geração para geração, criando, assim, um conflito entre as mesmas.

Um dos exemplos dessa mudança seria a palavra do latim [cabullu], que, com o fenômeno das mudanças fonéticas na língua, mudou para [cavullu] na nova geração (os falantes afrouxaram tanto a oclusão dos lábios ao articular o [b] entre as vogais que essa oclusão chegava a ser fricção, produzindo o som do [v]). Dessa forma, percebemos claramente o contraste entre a língua falada e a língua escrita.

Enfim, no capítulo 5, “A boa ciência sara e a má consciência” (e é com ele que terminamos nossa resenha), a autora faz uma importante exortação a nós, futuros professores, para que tenhamos consciência da importância do nosso trabalho. Nós devemos estar preparados para entendermos o fenômeno das variações linguísticas a fim de não sermos preconceituosos para com nossos alunos e nossas comunidades de fala. Temos que ter em mente que a língua falada é diferente da língua escrita e que não existe a língua certa ou errada. O mais importante é o contexto em que se usa uma ou outra.